



## **HEIDEGGER E O CONCEITO DE SER-NO-MUNDO: O ENCONTRAR-SE FUNDAMENTAL DA ANGÚSTIA**

Hugo Tostes Martins (PIBIC/FA), Wagner Felix (Orientador), e-mail:  
wdcfelix@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e  
Artes – Departamento de Filosofia - Maringá, PR.

**Área: Filosofia Subárea: História da Filosofia**

**Palavras-chave:** Angústia, Fenomenologia, Heidegger.

### **Resumo:**

Visa-se compreender na obra de Heidegger o fenômeno da angústia, levando em consideração a relevância do tratamento ontológico que faz por via de uma analítica existencial do *Dasein* (*existenzialen Analytik des Dasein*). Questionamentos sobre a essência da angústia aparecem fundamentalmente em *Ser e Tempo*, obra que começa perguntando pelo ser; se realmente temos claro para nós a resposta quando perguntamos pelo ser. Doravante a angústia aparece como um "encontrar-se-fundamental" (*Grundbefindlichkeit*) que propicia "uma assinalada abertura do *Dasein*" apontando relações entre abertura, *Dasein* e angústia. Somos em-um-mundo e somos sempre já em-um-mundo de forma que estamos lançados (*Geworfenheit*) em mundo. Não somos porém sem estar em um estado-de-ânimo, em uma disposição (*Stimmung*). Destarte a angústia é tratada como uma disposição fundamental na qual o ser-no-mundo é radicalmente aberto, condição prévia para qualquer possibilidade de "engajamento" do *Dasein* enquanto ser-no-mundo. Todavia não a deve confundir com outros fenômenos como o medo, o terror ou o pavor que possuem um objeto específico. A angústia tem o caráter de se angustiar sempre diante de... e por..., o que a caracteriza enquanto indeterminada diante de um objeto. Não tendo objeto é o próprio ser-no-mundo como tal que causa o angustiar. Não é nada no interior-do-mundo nem em parte qualquer do mundo, mas a total não-significatividade de tudo. Sem uma ausência-de-mundo é na falta de significação dos entes do interior-do-mundo que torna o diante-de-quê a angústia se angustia seja o mundo ele mesmo.

### **Introdução**



O conceito de angústia elaborado no seio da obra de Martin Heidegger toma corpo principalmente no trabalho intitulado *Sein und Zeit* (*Ser e Tempo*) que começa perguntando pelo Ser. Temos claro para nós mesmos quando perguntamos pelo Ser?

Aqui dois problemas aparecem. Primeiro a questão do Ser. E segundo, o modo como temos acesso ao Ser. Portanto, a questão do método.

Considerando a questão do método, temos o problema de como devemos proceder para chegar ao entendimento do que venha a ser o Ser. No parágrafo §7 de *Ser e Tempo*, Heidegger coloca a preeminência de começar a investigação pelo método fenomenológico. No sentido de que esse não se reporta a uma premissa e nem a uma “corrente” da Filosofia em específico, mas para àquilo que escreve como sendo “às coisas elas mesmas” (*zu den Sachen selbst*) (HEIDEGGER, 2012, p. 101).

A questão pelo sentido do Ser à luz do método fenomenológico apresenta-se dentro da perspectiva de que temos sempre uma prévia compreensão sobre o que venha a ser Ser. De uma forma ou de outra quando a questão pelo Ser é posta, ela só é possível de ser posta por já termos um prévio entendimento sobre o que venha a ser o Ser. Entretanto, entender previamente de saída o que é o Ser não significa que esse entendimento é claro, apenas que nos movemos sempre sobre um certo entendimento de Ser.

Para se investigar a questão do Ser, se faz necessário investigar como o Ser se manifesta nos seus inúmeros “modos-de-ser”. Partindo de uma explicação do *Dasein* em sua cotidianidade, na factualidade, no intuito de lhe retirar as “estruturas-de-existência”.

Heidegger não se volta para com o Ser de uma coisa em particular, mas com o Ser em geral que possibilita que algo seja, enquanto é. Como chegar ao entendimento desse Ser em geral?

Nesse intuito trabalha com o termo “*Dasein*”. No entanto, é fundamental não confundir *Dasein* com o que é o homem, o que reporta que a pergunta pelo sentido do Ser se encontra com a pergunta pelo Ser do *Dasein*, que do alemão pode ser traduzido como “Ser-aí”.

O conceito de angústia aparece como relevante para a compreensão do Ser do *Dasein*. Entretanto, com esse intuito não se deve deixar de considerar o empreendimento heideggeriano em vista da analítica existenciária (*existenzialen Analytik*) que busca as estruturas essenciais que perfiguram o Ser.

Num primeiro momento a analítica existenciária do *Dasein* que visa sua constituição essencial enquanto “ser-no-mundo”, enfatizado pelos hífens pelo seu caráter de estar sempre “em-um-mundo”, volta-se para a caracterização estrutural do mundo e pelo *quem* desse ente na



cotidianidade, para num segundo passo ir para a elucidação do *ser-em* enquanto tal.

Esse trilho chega à elaboração que o ente que está no mundo é a cada momento esse "é" porque ele está "aí". Para Heidegger, "o *Dasein* existe e somente ele; dessa maneira, existência é estar fora, ir para fora e estar na abertura do "aí": *ek-sistencia*" (HEIDEGGER, 2012, p. 381).

Bem, uma vez que nos encontramos-no-mundo nos encontramos sempre em um estado-de-ânimo e nos é vetado analisar esse estado-de-ânimo sem já estar dentro de um estado-de-ânimo, ou seja, sem um prévio "entender". O "aí" o é na medida que é abertura, que existe enquanto abertura e que esse "encontrar-se" já é num estado-de-ânimo.

Se o encontrar-se é um modo essencial de ser concomitantemente à sua abertura, há um modo de encontrar-se no qual o entendimento possa assinalar o *Dasein* e percebê-lo como tal aberto no "aí"? A angústia parece corresponder a essa exigência. O angustiar-se enquanto um estado-de-ânimo que aponta a angústia que justamente assinala o *Dasein* e o coloca diante de si mesmo.

## **Materiais e métodos**

Análise, leitura e interpretação das fontes bibliográficas relevantes, incluindo a bibliografia principal, nas traduções disponíveis para português, inglês, francês e espanhol, cotejadas com os textos originais em língua alemã, e bibliografia secundária.

## **Resultados e Discussão**

Heidegger ao trabalhar com a perspectiva de possibilidades-de-ser do *Dasein* compreende que essas devem dar uma informação ôntica sobre o ente que são. Ao nos encontrarmos já num estado-de-ânimo e sempre partindo de um estado-de-ânimo esse por sua vez assinala o modo tal como o ente que é e está tal como é. Contudo, uma informação só é possível na medida em que há uma abertura para isso, que têm por fundamento o encontrar-se que se assinala no seu ser-"aí". Todavia, há um assinalado modo de encontrar-se que se denomina e se conceitua aqui como angústia, tal que possibilita justamente esse encontrar-se de modo que deixa a abertura para o aberto na sua indeterminação que se apoia na total responsabilidade. Assim, a angústia como um fundamental encontrar-se que possibilita a abertura para que o *Dasein* se ponha diante de si lhe abre doravante a possibilidade também de decair e se ocupar fugindo do diante de si.

## **Conclusões**



A angústia ao assinalar o *Dasein* na abertura pertinente a esse no “aí” não se volta para um modo de ser-no-mundo como tal um ente dentro de um mundo, mas se volta para o mundo ele mesmo. A angústia se volta para o ser-no-mundo ele mesmo. O que o estado-de-ânimo que denominamos angústia se angustia é o ser-no-mundo ele mesmo, de maneira que o *diante-de-quê* a angústia se angustia é precisamente isso: o ser-no-mundo enquanto tal.

### Agradecimentos

À sensibilidade e a Fundação Araucária que propicia o desenvolvimento desse trabalho como tal.

### Referências

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Edição em alemão e português. Campinas: Editora da Unicamp; Petrópolis: Editora Vozes, 2012. Tradução de Fausto Castilho.

KIERKEGAARD, S. A. **O Conceito de Angústia**. Petrópolis, RJ: Vozes: São Paulo, SP: Editora Universitária São Francisco, 2010. Tradução Álvaro Luiz Montenegro Valls.

PAISANA, João. **Fenomenologia e Hermenêutica: a relação entre Husserl e Heidegger**. Lisboa: Editorial Presença, 1992.